

# ESVAIR DAS MÃOS

## AS PERDAS DE OPORTUNIDADES DO BRASIL NO GIGANTESCO MERCADO MUNDIAL DE PESCADO

**ITAMAR ROCHA**



sistemas marinhos submetidos a altos níveis de exploração e a aquicultura produzindo tudo o que pode, mas por ser a única alternativa para atender a crescente demanda por pescado, certamente exigirá que um possível custo ambiental do aumento da sua produção seja analisado sob uma perspectiva na qual a necessidade de médio prazo seja priorizada.

Finalmente, a FAO destacou que a produção mundial de pescado, somando captura e aquicultura, foi de 146,3 milhões de toneladas, em 2011, das quais 83,7 milhões foram oriundas da pesca extrativa, enquanto 62,6 milhões tiveram origem na exploração aquícola, sendo que, do referido volume, 122 milhões de toneladas se destinaram ao consumo humano, 20 milhões ao consumo animal e 4,3 milhões foram utilizadas para usos diversos.

Diante desses fatos e considerando as oportunidades que se apresentam para a produção brasileira de pescado via aquicultura, em todas as macrorregiões, faz-se um alerta sobre a urgente necessidade de um olhar diferenciado e maior comprometimento das autoridades, com o desenvolvimento dessa atividade.

Adicionalmente, destaca-se a importância do segmento da carcinicultura e a premente necessidade de se dispensar um maior apoio aos produtores, que a despeito do Brasil dispor de excepcionais condições edafo-climáticas, infraestruturais e locais em relação aos principais países produtores e mercados consumidores, o País não se destaca no contexto da produção mundial desse setor.

Aliás, para se compreender a preocupação que prevalece na análise dos gráficos e tabelas adiante apresentados, basta comparar o desempenho do Brasil, pouco utilizado para a exploração da aquicultura e da carcinicultura, com os demais países produtores, o que ajuda a entender as dificuldades, os entraves e as oportunidades perdidas pelos produtores brasileiros, pela sociedade e pelo País, em decorrência da já referida falta de incentivos e prioridades governamentais.

Assim, além de se enfatizar as amplas perspectivas que o Brasil oferece para se transformar em um grande produtor de ►

**A** Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, sigla do inglês), com base nos seguintes tópicos: (1) Limitação dos estoques naturais de pescado, (2) domínio das tecnologias de reprodução e cultivo das principais espécies aquáticas e, (3) crescente demanda mundial por alimentos proteicos de origem pesqueira, preconiza que a aquicultura será a atividade do setor primário da economia mundial que mais crescerá nas próximas três décadas. Inclusive, no seu recente estudo "Perspectivas Alimentares", a mesma destaca que em 2011 o setor pesqueiro mundial apresentou transações comerciais no valor global de US\$ 290 bilhões, ressaltando que "as previsões supõem um novo despertar do setor após três anos de leves quedas e crescimento moderado, em sintonia com a crise econômica internacional".

As exportações mundiais são feitas atualmente por países da Ásia e África, nessa ordem e, nominalmente pela China, Tailândia, Indonésia e Vietnã, bem como

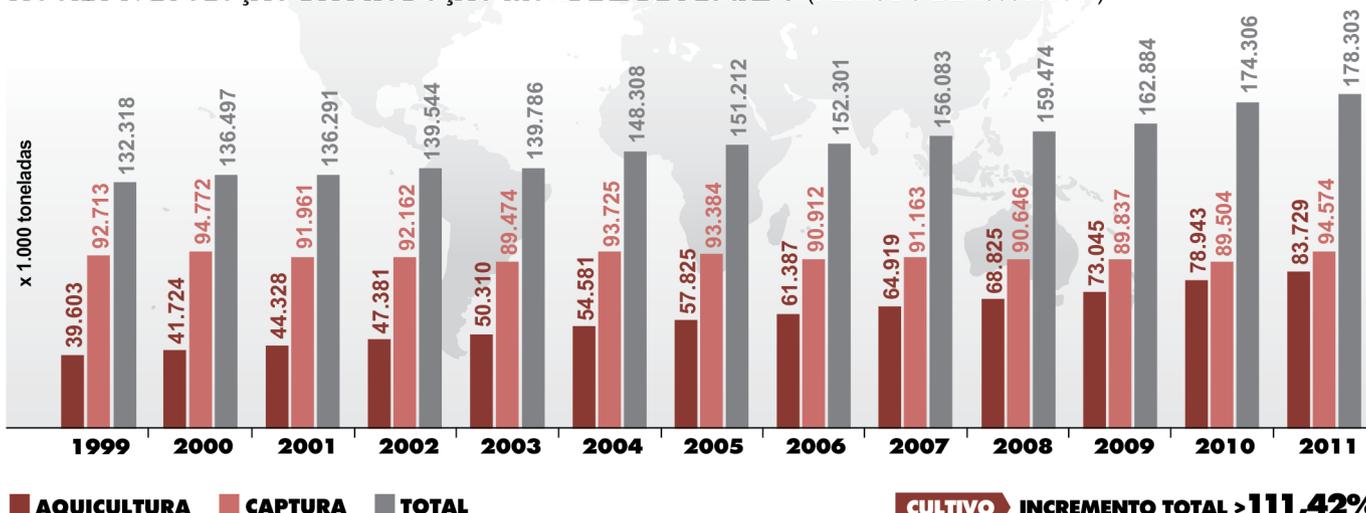
por Marrocos, Namíbia e África do Sul, salientando que todos esses países produtores são importantes fornecedores de pescado tanto para o bloco da União Europeia, como para Estados Unidos e Japão.

Do lado dos importadores se destacam em ordem decrescente em termos de cifras anuais: Europa (US\$ 60 bilhões), Estados Unidos (US\$ 35 bilhões) e Japão (US\$ 25 bilhões). Por outro lado, países como China, Brasil, Índia e Malásia estão exibindo uma intensa voracidade por produtos pesqueiros, sejam provenientes de captura ou da aquicultura e, acumulando uma quota de crescimento da ordem de 8% ao ano.

O Bloco Ocidental, de alguma forma, pagará por essa crescente demanda pela rápida expansão de consumo de pescado, por isso não se deve ignorar essas magnitudes derivadas das necessidades de alimentação da população mundial, que correspondem a cifras gigantescas em termos de volumes de produção e de valor das correspondentes transações comerciais.

Nesse contexto são considerados os ecos-

**FIGURA 1: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE PESCADO (PERÍODO DE 1999 A 2011)**



Fonte: FAO, abril, 2013 (incluindo plantas aquáticas)

**CULTIVO INCREMENTO TOTAL > 111,42%**  
**CAPTURA INCREMENTO TOTAL > 2%**

pescado, via aquicultura, se ressalta a necessidade de se por em prática, planos e projetos de promoção desse desenvolvimento, com a ampliação da oferta de um alimento de elevado valor proteico/nutricional, inclusive para contribuir com o esforço global de aumento da produção de pescado, tendo em vista atender a crescente e insatisfeita demanda brasileira e mundial por esse produto.

É importante notar na Figura 1, que, enquanto a produção mundial de pescado de origem extrativa se manteve praticamente estabilizada (2%), a produção da aquicultura, incluindo plantas aquáticas, mais do que dobrou de volume (111,42%) entre 1999 e 2011, contribuindo decisivamente para o aumento da oferta mundial de pescado e para a estabilidade dos preços.

Nesse contexto, a Tabela 1 mostra o preponderante destaque da China (50.173.139 toneladas) na produção aquícola mundial, correspondente a uma participação de 60% em 2011. Em contraste e em termos comparativos, se observa que a posição do Brasil foi insignificante, tanto em cifras absolutas (630.039 toneladas) quanto relativas (0,75%), especialmente quando se considera o excepcional potencial natural e as invejáveis vantagens climáticas e locais (proximidade da Europa e dos EUA), que o País dispõe para a produção aquícola e a comercialização dos produtos.

Por outro lado, o Vietnã, a despeito da sua limitada área territorial (320.000 km<sup>2</sup>), da qual apenas 80.000 km<sup>2</sup> são agriculturáveis, fora o fato de ter sido afetado por 50 anos de guerras no século passado, de forma surpreendente, apresentou um ex-

pressivo aumento (215,5%) na produção aquícola entre 2003 a 2011, colocando o país na quarta posição (3.052.500 toneladas) no ranking mundial da produção de pescado via aquicultura.

Enquanto isso, o Brasil, embora tenha apresentado um crescimento de 130,55% na produção aquícola, o volume (630.039 toneladas) reportado para 2011 representou apenas 1,26% da produção da China, 20,6% da produção do Vietnã e 0,75% da produção mundial desse setor (83.729.315 toneladas), dando uma ideia dos desafios que precisam ser superados.

Por outro lado, a despeito de dispor de importantes espécies de peixes e moluscos marinhos e estuarinos, com potencial para a exploração da maricultura, essa atividade no Brasil encontra-se praticamente na estaca zero, tendo participado com apenas 0,10% (18.340 toneladas) da produção mundial desse setor em 2011. Em realidade, esse pífio desempenho não condiz com a tradição e com a história da aquicultura estuarina brasileira, que remonta da ocupação holandesa na primeira metade do século XVII.

Da mesma forma, a análise do quadro dos principais produtores de camarão cultivado, revela que 85,91% da produção mundial desse setor se concentra no continente Asiático, especialmente na: China, Tailândia, Vietnã, Indonésia, Índia, Bangladesh e Filipinas, seguidos por Equador, México e Brasil (Tabela 2).

Como exemplo da falta de prioridades do governo federal para esse estratégico setor, cita-se o recente exemplo da MP 609/2013, que dentre vários produtos da cesta básica isentados das contribuições sociais PIS/Co-

fins, incluiu o *foie gras*, o salmão, a truta do pacífico, o bacalhau, ou seja, produtos importados que, além de não gerar emprego no Brasil, contribuirão para um déficit de US\$ 1,2 bilhão na balança comercial de pescado em 2013, vetando inexplicavelmente o artigo que concede o mesmo benefício ao camarão cultivado, um produto produzido 100% no Brasil, que gera oportunidade de negócios para micros, pequenos (75%) e médios (20%) produtores e empregos para mão de obra sem qualificação profissional.

No plano econômico, por sua intrínseca característica de produção intensiva e pelos resultados em termos de geração de renda por hectare, a atividade atende aos requerimentos básicos para o bem-estar de uma parcela significativa da população rural litorânea e do interior do Nordeste, não só com a produção empresarial, mas também com a constituição e fortalecimento da pequena unidade de produção ou empresa familiar.

No plano social, os requerimentos de mão de obra por parte da carcinicultura são de tal ordem que a atividade se destaca na Região Nordeste como o segmento do setor primário da economia que mais gera emprego permanente por unidade de área explorada. Tendo como relevância o fato de que a grande maioria desses empregos é ocupada por pescadores artesanais ou trabalhadores rurais com um mínimo de qualificação profissional, incluindo um número significativo de mulheres nas indústrias de processamento.

Por outro lado, a adaptação da espécie *L. vannamei* às águas continentais do Nordeste, salitradas em muitos casos e, portanto,

**TABELA 1: PRINCIPAIS PRODUTORES DA AQUICULTURA MUNDIAL (2003-2011)**

PAÍSES	2003 PRODUÇÃO (t)	2011 PRODUÇÃO (t)	CRESC. DA PRODUÇÃO	PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO
CHINA	33.663,593	50.173,139	49,04%	60,00%
INDONÉSIA	1.228,559	7.937,072	546,04%	9,47%
ÍNDIA	2.316,947	4.577,965	97,58%	5,46%
VIETNÃ	967,502	3.052,500	215,50%	3,64%
FILIPINAS	1.448,504	2.608,120	80,05%	3,11%
BANGLADESH	856,956	1.523,759	77,81%	1,81%
COREIA DO SUL	839,845	1.499,335	78,52%	1,79%
TAILÂNDIA	1.064,407	1.008,049	-5,29%	1,20%
CHILE	607,338	969,539	59,63%	1,15%
JAPÃO	1.301,794	906,518	-30,36%	1,08%
SUB-TOTAL	44.295,445	74.256,00	67,63%	88,71%
BRASIL	273,268	630,039	130,55%	0,75%
OUTROS	5.750,125	8.843,274	53,79%	10,54%
TOTAL	50.318,838	83.729,313	66,39%	100,00%

**TABELA 2: PRINCIPAIS PRODUTORES DE CAMARÃO CULTIVADO (2003-2011)**

PRINCIPAIS PRODUTORES (CARCINICULTURA)	2003 PRODUÇÃO (t)	2011 PRODUÇÃO (t)	CRESC. DA PRODUÇÃO
CHINA	687.628	1.555.384	126,20%
TAILÂNDIA	330.726	514.136	55,46%
VIETNÃ	231.717	496.000	114,05%
INDONÉSIA	191.148	399.544	109,02%
EQUADOR	77.400	260.000	235,92%
MÉXICO	45.857	109.816	139,47%
ÍNDIA	113.240	104.982	-7,29%
BANGLADESH	56.503	84.781	50,05
BRASIL	90.190	65.671	-27,19%
FILIPINAS	37.033	54.341	46,74%
AMÉRICA CENTRAL	85.169	104.102	22,23%
OUTROS	103.961	181.302	74,39%
TOTAL	2.050.572	3.930.059	91,66%



Fonte: FAO, abril, 2013 (incluindo plantas aquáticas)

não aptas para o consumo humano ou para a irrigação, vem criando amplas perspectivas para a interiorização dessa atividade, fortalecendo o desenvolvimento da pequena unidade de produção familiar, que já se constitui uma importante alternativa econômica de interiorização e diversificação das ações desenvolvimentistas, beneficiando as comunidades rurais do Nordeste, por meio de um alimento de fácil comercialização e grande apelo nutricional e gastronômico.

Na contramão de tudo isso, as importações de pescado da China pelo Brasil se destacaram de tal ordem que apenas em três anos, de 2009 a 2012, apresentaram um incremento de 900,99% em volume e 701,53% em valor. Por outro lado, os preços praticados merecem uma consideração especial, já que experimentaram aumentos de 452% (US\$ 0,52/kg/2005 para US\$ 2,87/kg/2012), cujo volume importado de janeiro a agosto de 2013 já atingiu 64.181 toneladas e US\$ 160,5 milhões.

De forma idêntica, as importações de pes-

cado do Vietnã, em 2012, predominantemente do *Pangasius sp*, cresceram 948,2% em volume e 144,44% em valor, em relação a 2009, enquanto que no mesmo período supracitado – de janeiro a agosto de 2013 – já corresponderam a 34.860 toneladas e US\$ 69,6 milhões.

Vale mencionar que nas importações globais de proteínas (US\$ 46,4 bilhões em 2011), o Brasil contribui com US\$ 15,8 bilhões (34%) e, nas importações mundiais de pescado de 2011 (US\$ 120 bilhões) a contribuição brasileira foi de apenas 0,21% (US\$ 250,9 milhões). No segmento de camarão, o valor das importações mundiais em 2011 foi de US\$ 14,9 bilhões, cuja participação do Brasil foi de apenas US\$ 900 mil.

As evidências aqui apresentadas e as oportunidades para o setor pesqueiro brasileiro devem ser analisadas sob a ótica de que a China, apesar de ter uma produção de pescado 50 vezes maior do que a do Brasil, já ocupa a terceira posição dentre os maiores importadores mundiais dessa commodity, cujo consumo *per capita* vem crescendo

exponencialmente nos últimos 30 anos, mas que está muito distante do patamar desejável pelos chineses. Por isso, alimentar a China será um desafio e uma oportunidade especial e de muito futuro para o Brasil.

Para confirmar, basta comparar a evolução do crescimento econômico chinês, com o respectivo consumo *per capita*/ano de pescado, onde se evidencia que, enquanto em 1980 o consumo médio foi de apenas 10 kg/*per capita*, nos anos de 2000 e 2010 estas cifras chegaram a 20 kg/*per capita* e 28 kg/*per capita*, respectivamente

Em realidade, a célebre indagação, “quem vai alimentar a China com pescado?”, não encontra resposta no contexto atual da produção setorial, pois o Brasil, considerado a principal fronteira capaz de atender o apetite chinês por pescado, ignora seus predicados naturais e biológicos, e continua deitado em berço, não mais tão esplêndido, mas profundamente adormecido, de forma que um universo de mais de 1.100.000 pescadores artesanais continua dependendo desesperadamente de um Seguro Defeso, que além do incentivo a ociosidade, tem se destacado pelas irregularidades e corrupção de agentes públicos setoriais, cujas previsões consumirá R\$ 2 bilhões em 2013.

As oportunidades estão postas, os agentes públicos vão priorizá-las e transformá-las em benefícios para nossa população? Ou vão continuar passivamente dificultando o desenvolvimento da promissora indústria aquícola brasileira? Com a resposta, os governantes, a classe política, os empresários, a academia e a sociedade, pagadora das contas, mas comodamente alienada ou indiferente.

Com a consciência do dever cumprido, com base em 40 anos de experiência e vivenciado conhecimento da realidade da aquicultura e da carcinicultura brasileira e mundial, esperamos que a análise dessas informações ajude a ampliar a base da resistência aos desmandos do setor pesqueiro brasileiro, tendo presente que já está sendo forjado nos subterrâneos da Secretaria de Monitoramento e Controle da Pesca e Aquicultura (Semoc) do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA, Brasília/DF), várias Análises de Risco de Importação (ARI), para camarões e Tilápias cultivados, originários de dezenas de países, reconhecidamente portadores de doenças de notificação obrigatória pela Organização Mundial da Saúde Animal (OIE, sigla do inglês) e que não adotam os compromissos sociais, nem a mesma proteção trabalhista e ambiental, que os produtores brasileiros são submetidos. ■

**ITAMAR ROCHA**  
É PRESIDENTE DA ABCC  
ABCCAM@ABCCAM.COM.BR